

O “SERTÃO” QUARTA COLÔNIA: TRAVESSIAS PELO IMAGINÁRIO DE UM SUJEITO DIVIDIDO

VIVIANE TERESINHA BIAZZI BRUST¹
VERLI PETRI DA SILVEIRA³

Doutoranda em Estudos Linguísticos (PPGL-UFSM/Corpus/CAPES – vivibrust@hotmail.com

³UFSM – verli.petri72@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A tese que estamos desenvolvendo, a qual intitula-se *O “sertão” Quarta Colônia: travessias pelo imaginário de um sujeito dividido* tem, como principal referência, estar ancorada na Teoria do Discurso, constituída por Michel Pêcheux, Eni Orlandi e outros teóricos que pensam a língua pelo discurso e o discurso por um sujeito atravessado pela ideologia e pelo inconsciente. A sua elaboração parte de questões que foram se colocando ao longo de um período em que realizamos nossos estudos no curso de Mestrado, realizado no Programa de Pós-Graduação em Letras - área de Estudos Linguísticos - desta instituição de ensino superior, na linha de pesquisa “Língua, sujeito e história”, além de nossa participação nos estudos desenvolvidos pelo referido programa e no/pelo Laboratório Corpus.

Ao filiarmo-nos na Análise de Discurso, queremos destacar que, nesta disciplina de interpretação, pensar um enunciado, pensar uma imagem, é estar lendo um discurso, o qual é, antes de tudo, “efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2009, p. 20), cujas condições de produção, conforme Orlandi (2009), consideram o lugar a partir do qual fala esse sujeito, constitutivo do que ele diz, além de todos os mecanismos de funcionamento do discurso, os quais vão repousar no que se chama de formações imaginárias, pois, “o imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não ‘brota’ do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder”. (ORLANDI, 2009, p. 420)

Embasamo-nos, fundamentalmente, em tal noção para remetermo-nos à memória da imigração, lugar onde estão assentados discursos que dizem das construções imaginárias do sujeito ítalo-brasileiro da/na/sobre a Quarta Colônia. Tal sujeito, a que nos referimos no título, é aquele que sai da Europa do final do século XIX para chegar à América de um “tempo desconhecido” e, em alto mar, quando, no entremeio de um continente e outro, questiona-se onde e como será tal lugar – *Merica, Merica, Merica/ Cossa sarala sta Merica* - numa língua também de entremeio, uma vez que espera, em sua específica condição sócio-histórica, encontrar o/um lugar ideal, não mais adverso economicamente, em que seja possível suplantar suas necessidades, realizar seus desejos, ressignificar-se enquanto sujeito na história, ou seja, encontrar a sua “ilha de Utopia”. São os discursos de e os discursos sobre o sujeito ítalo-brasileiro, a partir da sua chegada e do seu processo de assentamento em terras sul-brasileiras que visamos a analisar.

Dentro desse estudo, abordamos aspectos relacionados à memória que se efetiva na/pela língua, às construções imaginárias desse sujeito ítalo-brasileiro e, também, da diferentes posições-sujeito frente ao espaço, ao patrimônio, à história e à sua própria memória tomadas por ele; pensamos, tanto como indivíduo

interpelado em sujeito tomado pela língua e pela história, quanto sujeito individuado por um Estado – e, na Quarta

Colônia, também pela religião - como se dá essa interpretação, considerando duas diferentes instâncias: a do sujeito leitor e a do sujeito analista; ou seja, do lugar do sujeito leitor a questão de ser/estar/pertencer ao espaço (múltiplo) da Quarta Colônia de Imigração Italiana e estar sob o efeito de sentido de uma formação discursiva dominante que sustenta o discurso da unidade imaginária (língua, história, memória). Portanto, do lugar do sujeito analista, visamos a buscar compreender como o sujeito pode se relacionar diferentemente em relação à ideologia dominante, questionando a sua naturalização, a partir do estudo do processo de como tais discursos contribuem para a construção de um imaginário desse sujeito.

2. METODOLOGIA

Para a análise das produções discursivas do sujeito ítalo-brasileiro da/na e sobre a Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul que levem ao levantamento de possíveis respostas para a nossa questão de tese, constituímos um arquivo, constituído de distintas materialidades discursivas, a saber: (i) imagens de/e monumentos construídos na região: consideramo-los, uma vez que alguns deles já têm se constituído como o corpus de nossa dissertação de mestrado e, embora já nos tenham oportunizado significativos caminhos para leitura e análise, vimo-nos diante de outros/novos desafios; (ii) livros de cunho memorial - cuja autoria é do sujeito imigrante italiano e/ou de seus descendentes, sobre questões ligadas à imigração, como por exemplo, os que se referem a relatos de viagem, aqueles que dão conta de histórias de família, outros que narram pequenas aventuras quando da chegada nas novas terras, disponibilizados em bibliotecas e/ou museus da imigração; (iii) entrevistas com moradores da região, já realizadas por outros pesquisadores, na década passada, gravadas em fitas magnéticas, as quais foram disponibilizadas para nosso trabalho; outras por nós concretizadas e que fazem parte de nosso arquivo pessoal. Desse corpus, estamos selecionando os recortes discursivos para as nossas análises.

Podemos nos referir, nesta comunicação, aos movimentos que estamos fazendo dentro de nossos recortes e análises, processos que nos enlaçam ao elaborar, delimitar, traçar, buscar, relacionar questões teóricas para voltarmos, novamente, ao nosso objetos (e movimentos mais e múltiplos, o quanto forem necessários) e procedermos ao gesto (final, mas não último) da interpretação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando Orlandi finaliza seu dizer em “Princípios e procedimentos” (2009), é o momento em que percebemos que múltiplos caminhos de/para a interpretação podem ser construídos, pois o que nos é apresentado – o dispositivo teórico-analítico em Análise de Discurso – “abre uma perspectiva de trabalho em que a linguagem não se dá como evidência, oferece-se como lugar de descoberta. Lugar do discurso” (Orlandi, 2009, p. 96). Consideramos que não há um lugar já pré-determinado para o analista e um roteiro a ser seguido para que se proceda à interpretação. Destacamos, da citação anterior, a expressão “o movimento da interpretação” para, a partir dele, trazer as reflexões de Petri (2013, p. 41), sobre

o fazer do analista de discurso: “é preciso, primeiro, respeitar a teoria e, depois, conhecer bem as noções teóricas e, com isso, poder mobilizar tais noções constituindo uma análise do discurso em questão. Além disso, nesse movimento, para a autora, “a metodologia da Análise de Discurso existe, mas não pára, está em suspenso, em movimento, (de)pendendo como o pêndulo, relativizando os olhares sobre o mesmo objeto (PETRI, 2013, p. 41, grifo nosso).

Com a metáfora do movimento pendular, compreendemos que, para a Análise de Discurso, não há uma metodologia pré-estabelecida, acabada, que nos dê um ponto final. Assim, a partir da constituição do arquivo, considerando a delimitação do corpus, construção essa do próprio analista (Orlandi, 2009, p. 63) e o fazer a análise, o movimento de buscar, na teoria, noções que possam nortear a relação do analista com seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação” (Ibid., p. 64).

A aproximação entre a teoria e a prática da linguagem engajaria concretamente “maneiras de trabalhar sobre as materialidades discursivas, implicadas em rituais ideológicos, nos discursos filosóficos, em enunciados políticos, nas formas culturais estéticas, através de suas relações com o cotidiano, com o ordinário do sentido” (PÊCHEUX, 2008 [1988], p. 49), sendo que nela estariam implicadas certas exigências, a saber, de acordo com o autor: principiar com os gestos de descrição das materialidades discursivas, sendo que por ela se faria o reconhecimento de um real específico sobre o qual ela se instala, a saber, o real da língua. Em outras palavras, fazer pesquisa linguística, nesse caso, é tomar o próprio da língua pelo papel do equívoco, da elipse, da falta, entre outros, considerando o que ele chama de equivocidade, o que está implicado na ordem do simbólico. Trabalha-se, portanto, o objeto da linguística, o próprio da língua, e o que está no campo do discurso, espaço das significações estabilizadas e espaço das transformações de sentido.

4. CONCLUSÕES

Considerando que nosso estudo não se encontra finalizado, podemos nos referir aos movimentos que estamos fazendo dentro de nossos recortes e análises, e que nos instigam, nos levam a questões relacionadas aos processos parafrásticos e polissêmicos, metafóricos e também metonímicos. Tais questões nos enlaçam ao elaborar, delimitar, traçar, buscar, relacionar noções teóricas, para voltarmos, novamente, ao nosso objetos (e movimentos mais e múltiplos, o quanto forem necessários) e procedermos ao gesto (final, mas não último) da interpretação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Traduzido por Maria Laura V. de Castro. Introdução crítica de José Augusto Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985 [1969]. p. 53-107.
- COURTINE, J-J. **O chapéu de Clementis**: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. Traduzido por M. R. Rodrigues. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, C. L (Org.). Os múltiplos territórios da Análise de Discurso. Porto Alegre, RS: Sagra Luzzatto, 1999.

GADET, F. Prefácio. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4 ed. Traduzido por Bethania S. Mariani et al. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2010 [1975].

PÊCHEUX, Michel. **Ler o arquivo hoje**. In: ORLANDI, Eni (org.) Gestos de leitura: da história no discurso. 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1994].

_____. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4 ed. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: ed. UNICAMP, 2009 [1975].

_____. O discurso: estrutura ou acontecimento. 5 ed. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2008 [1988].

_____. **Papel da memória**. In: ACHARD, Pierre et al. Papel da memória. 2 ed. Traduzido por José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 2007 [1983].

ORLANDI, Eni. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas, SP: Pontes, 2012.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009 [1999].